

Resenha

Caminhos da Espiritualidade: o cuidar e o cuidar-se no trabalho em saúde

Betânia Maria Vilas Bôas Barreto

Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Curso de Comunicação Social, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Santa Cruz, Bahia, Brasil.
bete_vilas@hotmail.com

VASCONCELOS, Eymard Mourão (Org.) et al. A espiritualidade no trabalho em saúde. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, 391 p.
ISBN: 85-271-0689-2

DOI: 10.3395/reciis.v4i3.392pt



Vivemos contemporaneamente uma realidade configurada a partir de olhares diversos sobre a nossa multifacetada organização como coletividade, nossas experiências concretas e abstratas, compartilhadas ou não, e as nossas vivências individuais e coletivas no cotidiano social. As formas de se perceber e avaliar a conjuntura em que estamos perpassa desde as concepções mais racionalistas e cientificistas, até as mais subjetivas da interioridade dos seres humanos. Esse leque reflexivo sobre o estar e viver do homem no mundo atual é a pedra angular de discussões teóricas de diversos pensadores do nosso tempo, preocupados com as configurações conjunturais complexas e cambiantes que aparecem em nossa existência enquanto sociedade.

Sobre essa conexão entre a suposta luminosidade da ciência contemporânea e as entreabertas relações de nossa interioridade particular e coletiva é que se firma a proposta investigativa do presente livro. Uma dinâmica coletânea de caminhos críticos, reflexivos, epistemológicos e metodológicos sobre a interface necessária dos pressupostos científicos do trabalho biomédico atual, com diversas diretrizes, e a abertura para uma construção de subjetividade humanística inspirada na melhoria da noção do cuidar e tratar as pessoas, e da formação de profissionais voltados para representações interiores e espirituais, impulsionando uma inter-relação compreensiva, identificadora e ativa no contato e convívio com o sofrimento e a falta de bem-estar social.

A perspectiva teórica percorre o horizonte da Educação Popular em Saúde, como um aporte delineado com o compromisso histórico-político de transformação social a partir de ações concretas na realidade social, principalmente junto às camadas mais subalternas na sociedade. É uma seara cultivada essencialmente pelos pressupostos freireanos enraizados na tessitura da ação popular consciente e emancipatória.

A preocupação reflexiva centra-se na formação racionalizante dos sistemas de saúde e de seus profissionais, percebida como desumanizadora, cientificista e biologicista no cuidar e tratar os indivíduos. A tentativa é de encontrar alternativas na busca de uma nova maneira de pensar o fazer medicinal, voltado para a humanização, atenção à saúde e o cuidado com os grupos sociais, numa visão mais integrada do ser humano, como um ser plural dotado de razão, emoção, intuição, sensibilidade e espiritualidade, e que deve ser compreendido em suas múltiplas abordagens, deixando de lado um olhar fragmentado da sintomatologia ou medicalização. É uma postura de compreensão, acolhimento e diálogo em busca de soluções para a melhoria da qualidade de vida das classes populares menos favorecidas.

Ao longo do texto, vários aportes vão sendo desenhados por argumentações que se remetem ao reencontro com a espiritualidade nos indivíduos, as condições de vida e saúde dos próprios profissionais sanitários como atores sociais ativos, entrecruzando suas vivências espirituais, aspirações, frustrações e ações com as dos seus pacientes/clientes. Uma das ferramentas apresentadas como conectividade compreensiva é a noção dialógica desse encontro e a capacidade problematizadora das realidades interiores e exteriores dos envolvidos, numa concepção freireana de mundo.

Diante desse cenário apresentado, a trajetória discursiva é empreendida em duas partes. A primeira constitui-se em "A Espiritualidade no cuidado e na educação em saúde", de Eymard Mourão Vasconcelos, organizador do volume. Sua argumentação adere-se à perspectiva da Fenomenologia das Religiões, tratando a espiritualidade como experiência e, principalmente como experiência religiosa. Em seguida, ele traça um panorama da conceituação da espiritualidade e sua relação à religiosidade e às religiões, trabalhando conceitos junguianos como transcendência, imanência e numinosidade, percebendo o ser humano em construção como ser de ação e protesto, em processo de subjetivação e busca de sentido existencial e de motivação pela vida. O autor discorre ainda sobre os cruzamentos e distanciamentos da espiritualidade na interioridade dos seres, através da intuição, emoção e sensibilidade, direcionando-se para o trabalho em saúde.

Nessa perspectiva, inicia-se uma reflexão sobre a potência terapêutica relacionada à espiritualidade e sua conexão com o eu profundo. Ainda sob a perspectiva junguiana, ele trata do conceito de epidemiologia da religião no sentido de pensar a qualidade da saúde associada a uma vivência religiosa. Indo além, demonstra a relação de sentidos entre a espiritualidade e a trajetória da Educação Popular e a necessidade de um aprofundamento sobre seu significado na valorização dos caminhos espirituais para ações educativas junto aos meios populares. Para isso sugere seguimentos metodológicos, principalmente pautados pelo diálogo, acolhimento e escuta, na tentativa de integrar educação em saúde com a espiritualidade, com vistas a ações concretas na realidade social. Partindo desses precedentes, Vasconcelos concentra-se sobre a intencionalidade na formação de profissionais em saúde conectados com a proposta popular. Por fim, questiona a secularização e propõe a valorização da espiritualidade como referencial epistemológico e como diretriz político-social.

Seus caminhos particulares de espiritualidade, inquietações e trajetória educativo-popular são também mencionados em prosa e poesia, refletindo seus percursos íntimos de experiências pessoais como profissional de saúde e educador popular, numa forma intimista de expor suas intenções e horizontes existenciais e profissionais, no que ele intitula de "Caminhos da espiritualidade no autor" (p.136), "O encontro do grande amor da minha vida" (p.140) e "Caminhar sobre as águas" (p.149).

Como segundo momento da coletânea apresenta-se um convite a outras falas sobre a temática denominada "Diferentes Olhares". Este percurso é iniciado pelo texto "Espiritualidade e Saúde: visão de um filósofo" de autoria de Regis de Moraes. Parte de uma discussão sobre o que ele chama de Revolução Científica Contemporânea, com descobertas científicas nos campos da energia como a Teoria da Relatividade, a Física Quântica, a Física das Energias Sutis, a Teoria das Probabilidades, dentre outras, sacudindo os alicerces do modelo científico newtoniano, direcionando o pensamento para um novo modelo histórico-energicêntrico e abrindo a perspectiva para a visão de um mundo e um ser humano pluridimensional.

Moraes assinala essa pluridimensionalidade a partir de teóricos como C. G. Jung, Abraham Maslow, Viktor Frankl e Roberto Assagioli, dentre outros, no reconhecimento do homem como, pelo menos, quadridimensional: "a) dimensão somática (organísmica e física); b) dimensão psíquica (mento-cerebral); c) dimensão noética (do espírito individual); d) dimensão pneumática (dinamização do

Espírito Divino)” (p.171). Nesse sentido, o autor discorre sobre o despertar da espiritualidade e saúde, defendendo a necessidade de uma terapêutica aberta a perceber essas energias sutis, como “dinamizada pela amorosa vontade do espírito que se faz” (p.184).

Prosseguindo o encaminhar das discussões e em interface com Morais, perpetrando um enfoque psicológico, Geraldo José de Paiva e Maria Inês Assumpção Fernandes trazem a temática “Espiritualidade e Saúde, um enfoque da psicologia”. Desta vez, o interesse recai sobre os imbricamentos da psicologia científica como disciplina voltada para o “conhecimento explicativo e preditivo do mundo” (p.187) e da psicologia cotidiana, praticada no dia-a-dia e vista como “psicologia ingênua, implícita, nativa, indígena, do homem-da-rua, do senso comum” (p.187).

A preocupação basilar desses autores é a investigação da organização dessa psicologia cotidiana e sua importância como construtora de sentido das narrativas culturais, que estão pulverizadas nos acontecimentos das vidas das pessoas, principalmente no âmbito da espiritualidade e saúde. Paiva e Fernandes mencionam a Psicologia Humanística como uma corrente que busca esses referenciais de estudo e como também dão destaque para a importância, num projeto de educação para a saúde, nas experiências de religiosidade que levem em conta o sentido que as pessoas constroem para suas vidas.

Um desses sentidos construídos em narrativas aparece no estudo seguinte, de Júlio Alberto Wong-Un, “O Sopro da Poesia: revelar, criar, experimentar e fazer saúde comunitária”. O texto penetra no encontro dos profissionais de saúde com o universo da realidade comunitária. A primeira observação do autor é o estranhamento que acontece, por parte dos profissionais, para o enfrentamento das novas e inesperadas necessidades para as quais sua formação não dá conta nem o prepara adequadamente. A intenção de Wong-Un é refletir sobre um transmutar das dificuldades e dos sentimentos pela poesia, entendida por ele como uma arte de viver uma poética do cotidiano, percepção particular do mundo adquirida por um conhecimento intuitivo e aprofundado da realidade, no contato radical com pessoas, objetos, práticas e marcado pelo espanto e ética da beleza, num sentido de compromisso social, de compreensão e de comunhão. O autor trabalha, ao longo do texto, com ênfase também na religiosidade, na mística, na expressão do sagrado, em experimentações vivas e pulsantes onde se revela o âmagô poético.

O texto seguinte, já em seu título, “Podemos ser curadores. Mas sempre...Também feridos! Dor, envelhecimento e morte e suas implicações pessoais, políticas e sociais”, demonstra

sua perspectiva investigativa apontando para a dialética do reconhecimento dos profissionais de saúde que atingem e são atingidos por angústias, dúvidas, medos e inseguranças diante do cuidar e conviver com a dor, o sofrimento, a doença e a proximidade da morte em si e em seus pacientes. Nesse sentido, Eduardo Mourão Vasconcelos percorre a “dimensão heroica” (p.224) do que ele entende por compromisso do profissional de saúde engajado no projeto ético-político de interesses populares, e as limitações pessoais e sociais pelas quais ele passa para permanecer em sua tarefa. Seus referenciais são buscados nas imagens míticas junguianas para examinar o problema da morte, retratando figuras míticas como vampiros, que ele analisa como a representação de um sistema explorador da vida e da morte dos indivíduos; deuses, como as figuras do hinduísmo que concentram a mortandade e a vivacidade em seu ser; e curadores feridos, para apontar os desafios pelos caminhos da individuação em nós, seres humanos.

Em seguida o autor menciona o distanciamento da ideia da morte que nos foi imposto historicamente pelo Iluminismo, afastando-nos da convivência com a noção de finitude do ser humano e segregando a morte distante das vivências sociais, relacionando-a à doença e ao isolamento. Sob esse panorama, ele descortina os desafios subjetivos do confronto com a doença e a morte, numa proposta de renovação dialética da militância, tecendo crítica às limitações das abordagens marxistas sobre a espiritualidade e propondo uma abertura ao encontro de teorias que possibilitem dimensões transversais das lutas emancipatórias contemporâneas. O autor também traz uma contribuição da filosofia existencialista para o enfrentamento da angústia da morte, vendo-a como um símbolo-chave do mistério da transformação humana, no sentido de uma vida mais autêntica.

Dando sequência às reflexões, Víctor Vincent Valla discorre sobre uma visão mais política e econômica das questões ligadas à espiritualidade e a vivências dos meios populares, no capítulo “A vida religiosa como estratégia das classes populares na América Latina de superação da situação de impasse que marca suas vidas”. O teórico começa a discussão trazendo os fundamentos da Educação Popular em Saúde em seus aspectos históricos e conceituais, centrando-se, inicialmente, na concepção de impasse que permeia a realidade social das classes populares latino-americanas.

As dificuldades, necessidades e limitações enfrentadas pelas comunidades subalternas no seu cotidiano, principalmente no acesso aos serviços públicos de saúde são apresentadas como disparadoras de um contexto de

sofrimento que acompanha suas vidas, causando desequilíbrio emocional e sofrimento difuso (SAVI, 2003), gerador de problemas de saúde para os quais os serviços públicos e os profissionais de saúde, organizados para lhes prestar assistência, não conseguem contemplar. Valla discute sobre a Teoria do Apoio Social como estratégia de enfrentamento da situação de emergência permanente vivida pelas classes populares. Ele entende que esse apoio é dado por uma rede de associações que se coadunam nas comunidades para gerar assistência e continência aos moradores, num sentido de sustentação, adaptação e superação de suas necessidades, com argumentações baseadas nas concepções de inteligência emocional de Goleman (1995, 1999).

Em relação a isso, este estudioso consegue encontrar uma aglutinação importante entre o apoio social comunitário e a religiosidade popular, no entendimento de divisar as agremiações religiosas, principalmente as igrejas chamadas evangélicas e pentecostais, como ancoradouros emocionais para as fortes pressões e angústias vividas no dia-a-dia da população mais pobre, perpetuando-se, inclusive, em uma noção alternativa de medicina para essas pessoas através da vida religiosa. Com isso, a argumentação maior do autor é que as classes populares encontram um sentido de existência e de convivência aderindo a essas organizações, e construindo um senso de apoio mútuo como elemento fundamental de organização social.

Por fim, o autor entende a necessidade de os mediadores que atuam junto às classes populares (intelectuais, professores, educadores, profissionais de saúde, etc.), geralmente oriundos das classes médias, fazerem um esforço para compreenderem o pensar, fazer e falar dessas comunidades, no sentido de uma construção de diálogo para o entendimento dos diferentes caminhos de vida escolhidos pelos pobres.

Continuando nessa perspectiva, Elizabeth de Leone Monteiro Smeke enfoca a Atenção Primária à Saúde. No artigo “Espiritualidade e Atenção Primária à Saúde: contribuições para a prática cotidiana” ela traz as experiências de atendimento às comunidades em que, mais do que prescrições medicamentosas e diagnósticos preestabelecidos, os relatos dos profissionais apontam para dimensões subjetivas que entremeiam as necessidades de saúde daqueles que se direcionam a esses locais em busca de ajuda para seus problemas de sofrimento e dores.

A autora identificou na ética do cuidado um aporte dissertativo para a humanização, o acolhimento e a responsabilização junto à população assistida. Neste sentido, um dos pressupostos angulares do artigo passa

pelos resultados “construtivos e construtores” dessa ética do cuidado. Isto é perceptível quando se observa um interesse “genuíno e absoluto pela pessoa em cuidado, pelo centramento na pessoa e não na técnica” (p.307). Assim, é preciso o desenvolvimento dessa tecnologia leve junto à comunidade “para perceber e receber o seu estado de necessidades e angústias e não intervir com base no que deveria ser, segundo qualquer critério ou teoria externos à relação em cena” (p.307). É o estar presente conscientemente junto à pessoa assistida, no sentido de compreensão de suas reações e estágios de perplexidade, negação, assimilação e enfrentamento das doenças e falta de saúde, num posicionamento de diálogo. E isso a autora entende como desenvolvimento da espiritualidade. “A essência sutil que permite a um ser reconhecer-se em si, reconhecer-se na alteridade, com a alteridade e para a alteridade que a recompõe e a liga ao que é maior ainda” (p.322).

Aprofundando-se ainda mais nessa leitura subjetiva da realidade do atendimento aos pacientes, o artigo “A intuição na clínica: construção de elos entre razão e emoção”, de Maria Beatriz Guimarães, concentra-se na abordagem da ação intuitiva do profissional de saúde como ferramenta de diagnóstico e acompanhamento no cuidar. Para a autora, é no desenvolvimento intuitivo como parte das experiências práticas dos profissionais, e que pode ser desenvolvido como mecanismo inspirativo e delineador, que se aprimoram as ações de cuidado e cura.

Sua premissa maior ancora-se no Método Intuitivo do filósofo Henri Bergson (1859-1941), que interpreta o espírito como uma força vital e um eã existencial em todos os seres humanos. Como componente constitutivo espiritual, a intuição é a capacidade de perceber as “entranhas e tessituras do real” (p.327) no nível mais interior e subjetivo do ser humano. Ela seria a “percepção/pensamento, na qual a realidade é apreendida na sensibilidade. Ela se constitui como uma manifestação vital, verdadeiramente capaz de criar novas ideias” (p.327). A partir das experiências relatadas em diversos estudos, a autora faz uma análise discursiva do perfil adequado do profissional de saúde, e traça um direcionamento que se coaduna com os pré-requisitos intuitivos no sentido de atenção, cuidado, percepção, criatividade e acolhimento em seu dia-a-dia de trabalho.

Dessa maneira, chega-se à discussão final do livro, tratando das dimensões da subjetividade e da espiritualidade que são reavivadas pelas concepções místicas do mundo, no artigo “Os caminhos da espiritualidade: um olhar com base nas tradições místicas” de Faustino Teixeira. Como a própria temática aponta, o autor nos insere em vivências

intersubjetivas e transcendentais para falar das dimensões da integralidade humana e de sua ligação com o divino, o mistério e o sagrado em si e ao seu redor, ampliando aberturas para a compreensão do outro, num experimentar da “dinâmica da acolhida, da cortesia e da escuta” (p.360). Ele nos fala da sede de espiritualidade que perpassa o homem contemporâneo, devido à sua instabilidade e insegurança diante de um mundo permeado pela competitividade e exploração.

Amparando-se em autores como Leonardo Boff, Peter Berger e Abraham Heschel, dentre outros, o autor percorre os caminhos da espiritualidade do humano, sua ligação com divindades de diversas orientações místico-religiosas, preenchidas com textos repletos de poéticas místicas, buscando em pensadores como Ernesto Cardenal, João da Cruz e Ibn al-Arabî exemplificações do “olhar sobre o mundo”, o “desapego dos nós” e o “trajeto da espiritualidade”.

Por tudo que foi mencionado, percebe-se o encontro de diversos saberes e dizeres sobre entendimentos, experiências e convívios na reconstrução do sujeito como ator social, dotado da espiritualidade em suas diversas configurações, como uma tentativa bem sucedida de discutir seriamente os encaminhamentos necessários para ações transformadoras em campos principalmente ligados à Educação Popular e Saúde. Caminhos transdisciplinares por excelência, transitados por estudiosos de diversas áreas do conhecimento, como filósofos, teólogos, historiadores, sociólogos, médicos e psicólogos, num mosaico de compreensões que se coadunam e complementam.

Mais que isso, o componente transdisciplinar fica evidenciado na interconexão das temáticas, que passam através do labirinto das ações, emoções, sentimentos, expectativas e sensações individuais de nós seres humanos, até sua aglutinação na vivência social e comunitária, seja nos grupos de trabalho, nas clínicas, nos hospitais, nas comunidades, nas associações, etc. Fica evidente nos textos dos autores a preocupação em analisar criticamente e reflexivamente as diversas paisagens que se apresentam no âmbito da busca da espiritualidade humana, seja numa concepção mística, filosófica, antropológica, sociológica, teológica, mas que é também médica-científica, para, acima de tudo, partir para uma compreensão integral do homem e de sua ação no mundo, na esperança renovadora ligada ao desenvolvimento da espiritualidade empreendedora, acolhedora, compreensiva e transformadora do mundo interior dos indivíduos e do seu meio ambiente.

Referências

- GOLEMAN, D. **Emotional intelligence**. Nova York: Bantam Books, 1995.
- GOLEMAN, D. (Org.). **Emoções que curam**: conversas com o Dalai Lama sobre mente alerta, emoções e saúde. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- SAVI, E. **Sofrimento difuso das mulheres das classes populares**: estudo sobre a experiência de um grupo de convivência. Projeto de mestrado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.